4
Sinais que apontam Vida Plena no Espírito Santo

4.1. Introdução

Visto que a experiência de vida das Comunidades Latino-americanas é verdadeiramente uma experiência de Deus, que age pelo sopro de seu Espírito, suscitando vida, liberdade, amor, comunhão, fé, partilha, e tendo julgado esta experiência à luz da teologia do Espírito que se manifesta como fonte, promotor, animador, libertação para a vida, queremos neste último capítulo focalizar, a guisa de síntese daquilo que foi apresentado, ou seguindo o método proposto, a manifestação do Espírito Libertador, que gerando e transformando a vida humana, o faz sempre em razão da plenitude da própria vida.

Mais do que propor uma ação que brota da experiência constatada de vida no Espírito em conexão com a reflexão da fé, que nomeia o *Pneuma Divino* como Espírito de Vida, este terceiro momento de nossa pesquisa quer evidenciar sinais contundentes na ação do Espírito Santo junto aos empobrecidos deste mundo, que apontam para a plenitude da vida, com o único intuito de colaborar com as comunidades cristãs no discernimento, na valorização e preservação da vida, na expressão de fé, na experimentação do *Pneuma Divino* que liberta, transforma, congrega, conduzindo o Povo à eternidade feliz em Deus, iniciada aqui e agora, na ambiguidade de nossa natureza humana.

Os sinais estão em todas as formas de atividade humana: no trabalho, na associação em todos os níveis, em todas as expressões de comunicação e comunhão entre os seres humanos.[359]

Que sinais produzidos pelo *Pneuma Divino*, portanto, estão presentes na vida das Comunidades Latino-americanas e apontam, segundo José Comblin, para uma plenitude no Espírito Santo?

Indicá-los aqui é a tarefa deste momento final de nossa pesquisa, conduzindo os principais temas colhidos da pneumatologia de Comblin para a escatologia que aparece, ora explícita, ora implicitamente em toda a manifestação

[359] Cf. COMBLIN, José. *O Espírito Santo e sua missão*, p. 241.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912219/CA

do *Pneuma Divino* no mundo, na Igreja e nas pessoas, na abordagem do nosso teólogo dos pobres.

Os temas que emergem da pneumatologia combliniana, morte, vida e esperança, são as chaves para dissertarmos sobre a orientação escatológica da teologia do Espírito, colhendo mais uma vez na experiência de vida das Comunidades Cristãs Latino-americanas os sinais que indicam a operação do Espírito, que nesta pesquisa nomeamos como Libertador.

Neste sentido, o dilema da vida e da morte, e muito mais da morte, que tanto assombra pessoas e comunidades de fé, pessoas e comunidades sem fé, é sempre uma possibilidade amadurecida de pensar a vida, dando-lhe sentido e esperança para que a experiência de viver num mundo marcado pelo pecado e pela morte seja feita no e pelo Espírito de Deus.

É o Espírito Santo que nos faz acreditar e esperar, viver e agir pela transformação e libertação integral de todos os seres humanos, cujos sinais concretos acenam para as realidades futuras, ainda que delas só possamos visualizar imagens veladas, ou para usar as bonitas palavras do Papa Paulo VI, imagens por detrás de uma névoa luminosa.[360]

Só no e pelo Espírito Santo, cuja força ressuscitou o Filho de Deus, podemos seguramente atravessar os portais da morte, saindo da vida para entrar na Vida Plena em Deus, ressuscitados com o Ressuscitado para a eternidade feliz do Pai.

O Espírito que age na história terrena conduz o Povo de Deus para essa realidade escatológica, viver a vida de Deus com Deus infinitamente. É o que tencionamos abordar em seguida.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912219/CA

---

[360] *Este olhar que se estende para adiante sobre o futuro, olha distante, e o seu horizonte está envolto por uma névoa luminosa, que não o deixa ver nas suas peculiaridades, mas o faz entrever em imagens, em sinais, em indícios que bastam para confirmar a direção do caminho empreendido e imprimir ao movimento da Igreja uma especial energia, vigor, uma aceleração segura: é a Esperança final: é a certeza do futuro encontro com Cristo Glorioso: Paulo VI.* Cf. AA.VV. *La Costituzione Dogmatica sulla Chiesa, Torino-Leumann*, 1967, pp. 871-872, traduzido e utilizado em nota de rodapé pela Professora Lina Boff (cf. BOFF, Lina. *Índole escatológica da Igreja peregrinante*, in: *Atualidade Teológica*, ano VII, nº 13, 2003, p. 10).

4.2. Sinais escatológicos da ação pneumática

Viver os sinais como espera e preparação do dom final é a esperança, vivendo segundo o modo da esperança.[361]

Desta forma, a pneumatologia libertadora de Comblin, como toda reflexão pneumatológica[362], aponta para a plena libertação do gênero humano, que em outras palavras é a salvação integral do ser humano para a vida de Deus, a chegada do ser humano diante de Deus, fim último de sua existência.

Neste sentido, o Espírito Libertador age libertando para a plena liberdade na vida feliz em Deus. Os conceitos mais utilizados por Comblin que acentuam, ou sinalizam a dimensão escatológica da ação do *Pneuma Divino* no mundo são "Reino de Deus", "Nova Criação" e "Esperança Cristã". Esses conceitos aparecem na obra "O Espírito Santo e a libertação", e amplamente são desenvolvidos nas obras seguintes que aprofundaram temas da ação pneumática como vida, liberdade, Povo de Deus.

O futuro Reino de Deus se torna presente nos sinais que o antecipam.[363] É neste sentido que a teologia pode falar de um "já" e de um "ainda não".

4.2.1. O "já" e o "ainda não" do Reino de Deus nas CEBs

Reino de Deus, conforme o dicionário teológico, é uma das duas expressões que constituem as coordenadas fundamentais do anúncio de Jesus. É o projeto do Pai, assumido pelo Filho.[364]

---

[361] Cf. COMBLIN, José. *O Espírito Santo e sua missão*, p. 241.

[362] Nocke assegura-nos que no *Símbolo Apostólico "a ressurreição dos mortos e a vida eterna" são a última explicação da fé no Espírito Santo. De acordo com essa explicação, a vida do Espírito Santo possui uma dinâmica em direção a uma consumação futura, na qual há de alcançar toda a plenitude:* cf. NOCKE, Franz-Josef. *Vida a partir do Espírito - Escatologia*, in SCHNEIDER, Theodor. *Manual de Dogmática*, Vol. II, 3ª edição, Petrópolis: Vozes, 1992, p. 339. Desta afirmação resulta que toda a pneumatologia orienta-se para *o Éschaton*, ou seja, a ação do *Pneuma Divino* é uma ação escatológica, razão pela qual nossa pesquisa segue o mesmo caminho do Espírito.

[363] *A era final do mundo já chegou até nós e a renovação do mundo foi irrevogavelmente decretada e de certo modo real já é antecipada nesta terra.* Cf. *Lumen Gentium* 48, 130.

[364] Cf. AURRECOECHEA, José Luis. *Reino de Deus, in: Dicionário Teológico – O Deus cristão*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 776.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912219/CA

Já os autores do NT realçam a dupla dimensão do Reino, a presente e a escatológica.[365] De um lado, o Reino já é realidade na atuação de Jesus: Deus começou a exercer sua soberania mediante os gestos e as palavras de Jesus. Não obstante, ao mesmo tempo, o senhorio real de Deus será instaurado de modo pleno e perfeito no fim dos tempos com a *parusia*, quando o Filho fizer a entrega do Reino ao Pai (1Cor 15,24). Assim, o símbolo do Reino de Deus serve de conceito abrangedor para a salvação escatológica, para a plenitude de tudo aquilo que a humanidade anseia como paz, alegria e felicidade completa. No entanto, é preciso ter presente que ambos os aspectos, a referência ao presente, o "já" e a orientação para o futuro, o "ainda não", fazem parte um do outro de maneira recíproca, estreita e interna, e que nenhum deles pode ser separado um do outro.[366]

Portanto, o Reino de Deus é ambas as coisas: ele "já" está presente e "ainda não" está; já é atuante e ainda está por vir; já é experimentável e ainda é objeto da esperança. Para Nocke, "muitas vezes é justamente essa tensão entre 'já' e 'ainda não' que se tem em mente quando se denomina o Reino de Deus uma grandeza escatológica".[367]

Nas palavras de Franz-Josef, o Reino de Deus, como Jesus o vê significa:

> a) A própria proximidade de Deus, ou seja, uma proximidade que aceita, reconcilia e ergue as pessoas; b) A cura e a libertação do ser humano daquilo que o atormenta e impede de ser homem: de enfermidade, de poderes desumanizantes, de desânimo, da incapacidade de comunicar-se (surdez, mudez, cegueira) e da torturante preocupação com o amanhã; c) Um novo relacionamento entre pessoas: fim do tratamento injusto dos outros, fraternidade em vez de dominação, reconciliação de pessoas até agora inimigas, paz que procede da reconciliação, em suma: amor como caminho para a transformação do mundo; d) Plenitude da vida: pão e vinho em abundância para todos; e) Libertação do domínio da morte.[368]

---

[365] Escatologia: por muito tempo a escatologia foi colocada de lado pela reflexão teológica. A partir do fim do século XIX e do século XX, lentamente, reconquistou o direito de cidadania. O movimento bíblico e a redescoberta da teologia da história no século XX chamaram a atenção, novamente, para a imanência da perspectiva escatológica considerada na totalidade da mensagem cristã. Contemporaneamente, um sentido profundo e amplo dado às realidades terrestres, colocavam o problema do destino das mesmas para além da vida: Cf. BOFF, Lina. *Da esperança à vida plena – vivendo as realidades que entrevemos.* Juiz de Fora: Editar, 2010, p. 43.

[366] Cf. AURRECOECHEA, José Luis. *Reino de Deu (verbete),* in: Dicionário Teológico – O Deus cristão. São Paulo: Paulus, 1998, p. 778.

[367] *Daí se confirma a definição de Escatologia Cristã, que não se deve restringir a eventos e condições que ainda são futuro. A Escatologia Cristã fala de experiências que pessoas crentes fizeram com Jesus Cristo, de uma realidade que é atuante hoje e que, simultaneamente, desperta a esperança de um futuro maior.* Cf. NOCKE, Franz-Josef. *Vida a partir do Espírito*, p. 347.

[368] Ibidem, p. 346.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912219/CA

Em suma, o significado do Reino de Deus para Jesus, apresentado por Franz-Josef é, segundo José Comblin, ação do *Pneuma Divino*, conduzindo a vida ao seu rumo final: a plenitude.[369]

Mas são poucos os textos do NT que colocam o Espírito Santo em relação direta com o Reino de Deus (Mt 12, 28; Jo 3,5; Rm 14, 17). A razão é simples: o Espírito Santo é dado à Igreja para fazer dela instrumento do Reino. A relação entre Espírito e Igreja aparece fortemente enfatizada em todo o NT. Por conseguinte, para ver a relação entre o Espírito e o Reino é mister partir da relação entre Igreja e o Reino de Deus,[370] que não aprofundaremos aqui por não se orientar nossa pesquisa na linha eclesiológica.

Entretanto, para Comblin não basta evocar a ação do Espírito em vista do advento final do Reino de Deus, "ainda não", pois, de certo modo, o Reino "já" se torna presente na atualidade: não apenas nas sementes que constituem alguns esboços de estruturas de liberdade e solidariedade que podemos estabelecer, mas também naqueles aspectos da vida que não mudam substancialmente com a história e nos quais o Espírito Santo também está agindo.[371] Esse é um dos aspectos escatológicos do "já" do Reino de Deus.

Assim, continua nosso autor, nós não estamos simplesmente preparando o futuro num presente:

> Todos recebemos alguns anos para viver nesta terra. Esta vida, breve sem dúvida, não é puramente um elo numa evolução de uma humanidade renovada, que se estaria construindo acima de nós, pois a humanidade somos nós mesmos. A vida de cada ser humano é também um fim em si, embora esteja também colocada como num elemento que deve intervir na preparação do futuro, mas não podemos viver em função do futuro exclusivamente. Também temos de viver o presente e o Espírito é também um dom para o presente.[372]

O *Pneuma Divino*, como indicamos em todo esse trabalho, é vida, e nas palavras do Pe. Comblin, Ele é fonte de vida que há de ser vivida no presente,

---

[369] *A prometida restauração que esperamos já começou em Cristo, é levada adiante na missão do Espírito Santo e por Ele continua na Igreja, na qual pela fé somos também instruídos sobre o sentido de nossa vida temporal, enquanto com esperança dos bens futuros levamos a termo a obra entregue a nós no mundo pelo Pai e efetuamos a nossa salvação*. Cf. *Lumen Gentium* 48, 129.
[370] Cf. *Dicionário Teológico – O Deus cristão*, p. 783.
[371] Cf. COMBLIN, José. *O Espírito Santo no mundo*, pp. 87-88.
[372] Idem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912219/CA

como penhor da vida eterna.[373]

Deste modo, podemos viver alguma coisa da vida eterna que nos está reservada além da história desde já; de certa maneira, graças ao dom do Espírito, "já" podemos antecipar o "ainda não" da vida eterna,[374] por sinais.

O *Pneuma Divino* é a força de Deus na história, para edificar o Povo de Deus. Portanto, Ele constrói um futuro e orienta os discípulos para um porvir. Ressalta Comblin, "podemos imaginar que se fosse dado somente para esse porvir, a sua atração seria tão irresistível nos cristãos que qualquer concessão à vida presente seria considerada como traição à construção do Reino de Deus, uma traição ao futuro." Não haveria, segundo nosso autor, motivação alguma capaz de competir com o argumento do Espírito Santo, mas há também um dom do Espírito para o tempo presente, a ser vivido no agora de nossas existências, que Comblin chama de santidade, dom de Deus e ação humana. [375]

O conceito de "santidade", contemplado pelo Vaticano II, nos é apresentado como uma realidade escatológica, isto é, "uma realidade vital e dinâmica que aponta para a plenitude humano-divina e realiza esta plenitude."[376]

Segundo Lina Boff, "cada pessoa participa da vida de Cristo ressuscitado, pela fé e pelo batismo que nos conferem a unção vinda do Espírito Santo, o Cristo (Gl 2, 20), por isso somos santos em Cristo, pela presença do Espírito Santo que habita em nós (1Cor 3, 16)."[377]

Assim, a vida presente há de ser vivida como uma presença real do Reino de Deus, onde os atos presentes têm o valor em si mesmos e é o Espírito que lhes

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912219/CA

---

[373] Cf. COMBLIN, José. *O Espírito Santo no mundo*, pp. 87-88.

[374] Idem. Bento XVI em sua Carta Encíclica *Spe Salvi* trabalhando o conceito fé-esperança, para quem fé é substância da esperança, chama a atenção de que *a fé não é só uma inclinação da pessoa para realidades que hão de vir, mas estão ainda totalmente ausentes; ela dá-nos já agora algo da realidade esperada, e esta realidade presente constitui para nós uma "prova" das coisas que ainda não se vêem. Ela atrai o futuro para dentro do presente, de modo que aquele "já" não é o puro "ainda não". O fato de este futuro existir muda o presente; o presente é tocado pela realidade futura, e assim as coisas futuras derramam-se naquelas presentes e as presentes, nas futuras.* Cf. Bento XVI, *Spe Salvi*, 7, 2007.

[375] Cf. COMBLIN, José. *O Espírito Santo no mundo*, p. 95.

[376] KLOPPENBURG, Boaventura. *A eclesiologia do Vaticano II.* Petrópolis: Vozes, 1971, p. 254; *O chamado à santidade é graça, é dom de Deus, Comunidade de amor. A santidade é testemunhada por uma existência esperançosa e por uma vida integrada pelo anúncio de Jesus e pela prática que Ele nos deixou, na dinâmica do Espírito Santo. Não significa dizer que se possa então 'cruzar os braços'. Mas manter-nos pessoas abertas aos apelos do Senhor que passa; atentas aos seus sinais na história; e conscientes de que os caminhos do Senhor nem sempre são os nossos caminhos.* Cf. BOFF, Lina. *Da esperança à vida plena – vivendo as realidades que entrevemos.* Juiz de Fora: Editar, 2010, p. 16.

[377] Ibidem, p. 17.

confere um valor de realidade, pois "O Reino de Deus consiste na justiça, paz e alegria no Espírito Santo" (Rm 14, 17).[378]

A vida é sucessão de momentos diversos: há tempos cheios e tempos vazios. Há tempos que acumulam forças para o porvir, que são etapas num movimento para o futuro. Há outros tempos que nada trazem de novo, que não têm conteúdo histórico em função de um porvir. Entretanto, o *Pneuma Divino* está sempre presente, animando de modo diverso os tempos e os momentos.[379]

Esse "já" e "ainda não", sinais escatológicos do Reino de Deus, estão presentes nas Comunidades Latino-americanas:

> As CEBs são aquela porção do povo de Deus que nasceu entre os pobres. Elas são "povo" porque nelas os cristãos não colaboram simplesmente com a pastoral paroquial definida por outros, mas eles mesmos, leigos do mundo popular, tomam iniciativas, orientam as atividades comunitárias, sempre em comunhão com a grande Igreja, mas com a liberdade que São Paulo reconhecia às comunidades fundadas por ele.[380]

Nesta afirmação de Comblin, as CEBs são a presença do Reino entre os pobres, parcela de um Povo que Deus escolheu para Si. O Reino de Deus, sinalizado também pelas CEBs, se vive na esperança. Se o Reino de Deus é o aspecto objetivo, a esperança é o aspecto subjetivo da mesma realidade, a peregrinação que é existência humana. Esta é uma existência de esperança,[381] conclui Comblin.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912219/CA

---

[378] Cf. COMBLIN, José. *O Espírito Santo no mundo*, p. 99.
[379] Cf. Idem.
[380] Id. *Mensagem às Cebs – presença do Reino de Deus entre os pobres!* Carta envida ao Intereclesial das CEBs reunido em Porto Velho, 26 de maio de 2009.
[381] Cf. Id. *O Espírito Santo e sua missão*, p. 239.

4.2.2. A esperança dos pobres vive

Jesus diz: "Eu vivo, e vós vivereis" (Jo 14, 19). Essa é a nossa esperança[382] e a nossa confiança no Espírito Santo, pois Ele dá vida, liberdade, dom da palavra, força para agir e cria o Povo de Deus.[383]

Como vimos acima, o tema da esperança cristã está sempre interligado com o conceito de Reino de Deus na sua tensão do "já" e "ainda não", pois a esperança estabelece uma justa relação entre o mundo presente e o mundo futuro. O futuro não se constrói aqui, mas se prepara aqui, pois o Reino de Deus está nos próprios homens abertos aos outros, e isto se prepara na esperança.[384]

A esperança é um dom do *Pneuma Divino*, que nos faz ver e viver o presente como etapa de passagem para o futuro:

> O Espírito Santo nos faz ver a falsidade de toda a riqueza que oculta o futuro, que fecha a porta ao dom pelo fato de reduzir tudo à propriedade. O Espírito Santo nos faz reconhecer os sinais do dom de Deus e do próximo, faz-nos viver desses dons para os dons futuros. O Espírito infunde a confiança nos pobres para que esperem um futuro que será para eles a felicidade que por si mesmos não esperavam.[385]

A mensagem da esperança está exatamente no centro da mensagem de Jesus aos homens, enunciada nas bem-aventuranças, síntese e essência de tudo o que Jesus quis dizer aos homens sobre eles mesmos. Neste sentido, as bem-aventuranças são a expressão mais completa e radical da esperança.

Em Comblin, constatamos que a "esperança não é a mesma em todas as partes do mundo. Estamos na América Latina. Qual é, então, a mensagem de

---

[382] Para Lina Boff *a esperança entra na vida do povo e este passa viver a presença ontológica da graça, na qual se enraízam a fé e a mística fundamentadas nos valores humanos, nos recursos da comunidade de fé, e na atividade humana de cada membro. Pois o Cristo que nos trouxe a graça encarnada, se uniu à matéria de tal sorte que a matéria se uniu à divindade, e o ser humano, tocado pela graça, não é uma pessoa abstrata, é um rosto marcado por toda a história humana que se faz história da salvação. A esperança, que cria uma história iluminada pela fé, não diminui o valor e a importância de todas as coisas criadas e as realizações terrenas, mas antes as incentiva para que estas realizem seus fins, sempre com novas motivações suscitadas pela descoberta das ciências e pela iluminação de fé.* Cf. BOFF, Lina. *Da esperança à vida plena*, p. 34.

[383] Cf. COMBLIN, José. *A vida em busca da liberdade*, p. 16.

[384] Cf. Id. *O Espírito Santo e sua missão*, p. 243.

[385] Idem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912219/CA

esperança neste Continente? O que caracteriza este Continente diante de uma mensagem de esperança?”[386]

Primeiramente, para os ricos,[387] a esperança não tem significado, pois já têm o presente e vivem dele. Querem gozar no momento presente e dispõem dos meios para fazê-lo: são eles os que riem, pois estão saciados e seus desejos são satisfeitos. Quando, e se, pensam no futuro, é no sentido de aumentar e prolongar sua satisfação presente. Eles se dirigem para o futuro pelo “desejo”. Querem possuir o futuro como possuem o presente. Se surgem alguns obstáculos, querem destruí-los. Tentam dominar o futuro com sua vontade, procurando conquistar propriedades que lhes garantam esse fim: submetem-se aos outros e aos objetos para obter segurança de continuar se satisfazendo no futuro. Portanto, não conhecem a esperança, ou se conhecem, não tem o menor significado para eles.[388]

Do que dissemos acima, podemos concluir que, no pensamento de Comblin, a esperança só pode ter significado para os pobres, os que choram e se sentem frustrados, pois não conseguem satisfação. Mas também os pobres não crêem na esperança, pois já não crêem em nada, nem esperam nada, mas antes estão resignados: sabem que na condição de pobreza, se sofre menos quando se eliminam os desejos. Neste sentido, a resignação é a solução que economiza os sofrimentos.[389]

Assim, os pobres vêem nas bem-aventuranças de Jesus uma surpresa em que não se atrevem a crer, pois a mensagem do Evangelho é uma exortação que parece impossível. Ricos e pobres, segundo Comblin, por situações inversas, por si sós não têm condições para esperar. Os ricos, porque só lhes interessa o presente, e os pobres, porque temem o futuro e não acreditam nele como possibilidade de transformação. É justamente aqui que entra a tarefa e a missão do *Pneuma Divino*, pois Ele é autor da esperança, tornando possível o impossível.[390]

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912219/CA

---

[386] COMBLIN, José. *O caminho – ensaio sobre o seguimento de Jesus*, p. 23.
[387] A questão dos “ricos”: não estamos aqui deixando de lado ou marginalizando e excluindo os ricos, pois estes também precisam ser libertados, conforme o anúncio do Reino, na sua liberdade mais profunda, a fim de que possam fazer escolhas acertadas. São também chamados pelo Espírito a uma conformação com o Evangelho. Entretanto, não são os ricos, aqui nesta Dissertação, objeto de nosso estudo, enquanto uma das manifestações do *Pneuma Divino*.
[388] Cf. COMBLIN, José. *O Espírito Santo e sua missão*, p. 239-240.
[389] Cf. Idem.
[390] Cf. Idem.

"A esperança dos pobres vive,"[391] além de ser o título sugestivo da obra que comemorou em 2003 os 80 anos de Comblin, e o subtítulo que abre essa seção, é a afirmação do nosso autor de que realmente a esperança é para os pobres.

O anúncio do Reino de Deus é feito por Jesus diretamente aos pobres, pois eles não têm a que se apegar, mas estão abertos a um futuro novo, a uma plenitude. Mas o anúncio é também um chamado a crer no próprio anúncio. Para nele crer e entrar numa verdadeira esperança, devem vencer o medo, a resignação, a desilusão. "Devem vencer as aparências de sua fraqueza e crer na força de Deus, pois não é fácil aceitar as promessas de Jesus, quando as realidades visíveis dizem o contrário."[392]

Mesmo sem condições para esperar, Comblin está convicto de que a esperança está presente no meio dos pobres, pois eles, conduzidos pelo Espírito, entendem sua sabedoria. Nos pobres, segundo Comblin, nasce a esperança que faz compartilhar os dons de Deus para a comunhão final. Nesse sentido, a comunidade é a expressão e o lugar da esperança. Na comunhão dos pobres se caminha para o dom final de Deus na comunhão final.[393]

O Espírito Santo faz perceber que a esperança não é um simples esperar que algo aconteça, mas antes consiste em colocar-se numa disposição e atitude de acolhimento e de receptividade, em orientar-se para o que vem de fora, pois a esperança está baseada numa convicção: a plenitude do ser humano. Sua felicidade e plena realização não residem no próprio homem, nem nos bens que estão a seu alcance, mas num dom que vem dos outros e do Outro.[394]

Comblin ressalta que a esperança não é passiva, mas antes se aprofunda em cada etapa;

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912219/CA

---

[391] *A esperança dos pobres está viva, mas não são poucos os que, ao lado dos que esperam contra toda esperança, são portadores de uma crise de esperança. Trata-se das vítimas do "pensamento único", dos falsos profetas do "fim da história" ou dos pragmatistas e pseudo-realistas que tentam impedir todo excesso do real. Entretanto, esperar é próprio do ser humano, especialmente dos pobres, por mais alquebrados que estejam sob peso do atual pragmatismo. A esperança acena para um futuro vislumbrado como plenitude; e o futuro no presente, é a utopia. Sem a utopia a esperança é uma virtude vazia. É a utopia a "topia" da esperança. A esperança é o alimento da utopia e esta mediação histórica.* Cf. BRIGHENTI, Agenor. *A esperança dos pobres vive – coletânea em homenagem aos 80 anos de José Comblin*, pp. 365-366.
[392] COMBLIN, José. *O Espírito Santo e sua missão*, p. 250.
[393] Cf. Ibidem, p. 251.
[394] Cf. Ibidem, pp. 240-241.

> Ao acolher os dons enviados pelo Espírito com a disposição de abertura do Espírito, ao receber e viver cada dom, o ser humano aprofunda a esperança. Pois todo dom é um laço novo, uma união nova como novos seres humanos, uma nova fraternidade. Ao viver cada fraternidade e cada solidariedade em seu tempo, o ser humano se habilita a receber o dom final.[395]

A esperança não nos afasta da atividade presente, mas, ao contrário, nos incentiva a procurar a fraternidade no momento atual. Por isso, temos de viver como se a esperança tivesse de prolongar-se indefinidamente. Para Comblin, vive-se a esperança na densidade da atividade presente, e não num vazio de pura espera passiva.[396]

A esperança é, segundo Comblin, uma longa paciência, "porque os pobres são perseguidos e a paciência na perseguição é a forma como se prepara a recepção de Cristo. A paciência tem por objeto, além da perseguição, a própria condição material dos pobres,"[397] pois a libertação é um processo longo e demorado.

A esperança é abertura para Deus pelo Espírito de Jesus Cristo, onde os dons do passado são sinais dos dons futuros, mostrando a história como caminho onde nos são dados os dons preparados por Deus a cada passo. A esperança é a vivência cristã do tempo, onde cada momento é dado como sinal, promessa e preparação do momento seguinte, numa evolução que só pode parar no outro mundo, para além do tempo. Assim, cada momento tem seu valor e é um dom.[398]

A esperança é abertura para os outros, pois os dons de Deus nos vêm por intermédio de outras pessoas. E, nesse sentido, a comunhão com Deus se faz por intermédio da comunhão com o próximo. Assim, a esperança é atitude de quem se abre aos outros, de quem se coloca na atitude de dependência e de espera, de quem se dispõe a receber: "É a disposição de quem se oferece, numa oferta de solidariedade e reciprocidade. Nunca se sabe de que modo vai corresponder. A esperança é um risco permanente. Ela se expõe à desilusão, mas é a única oportunidade de se alcançar um valor real".[399]

---

[395] COMBLIN, José. *O Espírito Santo e sua missão*, p. 241.
[396] Cf. Ibidem, p. 245.
[397] Ibidem, p. 246.
[398] Cf. Ibidem, p. 247.
[399] Ibidem, p. 248.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912219/CA

A esperança é consistência do tempo presente, permitindo ver, nas realidades presentes, passos e etapas para uma plenitude futura. Pela esperança a pessoa vê nas realidades presentes o penhor, as primícias e as promessas dos dons futuros.[400]

Por fim, conclui Comblin, a esperança é um dom do Espírito, pois não se pode viver na esperança sem o Espírito. É Ele que nos faz ver o presente como etapa de passagem para o futuro. O Espírito também nos faz conhecer os sinais dos dons de Deus e os do próximo, faz-nos viver destes dons e abre-nos para os dons futuros,[401] para a Nova criação no Espírito.

4.2.3. Nova Criação no Espírito Santo

Pelo que dissertamos sobre o Reino de Deus e a esperança, podemos afirmar que a vida nova prometida por Jesus e inaugurada por Ele no evento de sua Ressurreição, pode começar a ser vivida desde agora, já neste mundo. A nossa situação na evolução deste mundo e de todos os seus habitantes ensina que somos limitados, parciais, sujeitos a mudanças e nunca seguros. A nossa condição é frágil. Além disso, o combate contra as forças da morte está sujeito a falhas, erros e derrotas. No entanto, dentro desses limites, devidos à nossa condição corporal, social e histórica, a Ressurreição de Jesus produz vida e nos permite vencer as forças da morte. Ainda que seja de modo parcial e precário, encontramos vitórias da vida nesta nossa caminhada terrestre.[402]

Comblin vincula o Espírito Santo e a "Nova Criação", percebendo nas Escrituras que a mensagem do *Pneuma Divino* vem sempre ligada às realidades últimas da Ressurreição, do Reino de Deus, da "Nova Criação" e do homem novo.[403]

O *Pneuma Divino* é a força de Deus, que ressuscitou Jesus, que lhe constituiu uma vida nova, a vida eterna. A Ressurreição de Jesus antecipa assim o Reino de Deus futuro, sendo uma testemunha da esperança que vale para a humanidade toda. Esse Espírito que deu a vida e a vida eterna, a vida de Filho de

[400] Cf. COMBLIN, José. *O Espírito Santo e sua missão*, p. 249.
[401] Cf. Ibidem, p. 243.
[402] Cf. Id. *A vida em busca da liberdade*, p. 39.
[403] Cf. Id. *O Espírito Santo e a libertação*, p. 64.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912219/CA

Deus a Jesus Cristo, dará também a vida eterna a todos os membros do Corpo de Cristo.[404] Corpo de Cristo é uma das imagens da Igreja, comunidade de pessoas congregadas pelo Espírito. Pessoas que existem na dinâmica de sua corporeidade, animada por um princípio vital que chamamos de espírito.

Pelo corpo, experimentamos a finitude e a fragilidade de nossa existência terrestre. A partir dele, sentimos o passar do tempo, o cansaço, o envelhecimento, a enfermidade e, por fim, a morte.

A morte que acontece para o ser humano inteiro, é uma experiência sentida e verificada na corporeidade, quando, sem o hálito vital, o corpo se decompõe. Por isso, falar de ressurreição é sempre partir da realidade visivelmente afetada pela morte, o corpo.

Para Comblin, um dos textos mais significativos do NT sobre a ressurreição dos corpos está na Carta do Apóstolo Paulo aos Romanos, onde afirma que "se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos habita em vós, aquele que ressuscitou Jesus Cristo dentre os mortos dará vida também a vossos corpos mortais mediante o seu Espírito que habita em vós" (Rm 8, 11). E assinala ainda a vinculação deste texto com a profecia de Ezequiel (Ez 37, 1-14) sobre os ossos ressequidos que reviverão.[405]

A dignidade do corpo e da vida corporal, conforme Comblin, manifesta-se pela ressurreição dos corpos no final da história terrestre e no início do mundo novo. Essa é uma afirmação central na fé cristã. Como diz São Paulo, "Se não há ressurreição dos mortos, também Cristo não ressuscitou, e se Cristo não ressuscitou, vazia é a nossa pregação e vazia também a vossa fé" (1Cor 15, 13-14).[406]

Cristo ressuscitou! Essa afirmação permaneceu firme desde o início, sem suscitar dúvidas nas comunidades cristãs.

Entretanto, sobre a ressurreição dos corpos, lembra-nos Comblin que já em São Paulo percebemos cautela. Não podemos imaginar a ressurreição como se fosse a continuação ou a repetição desta vida. "Esta vida é mortal, e a outra já é

[404] Cf. COMBLIN, José. *O Espírito Santo no mundo*, p. 89.
[405] Cf. Id. *O Espírito Santo e a libertação*, p. 65.
[406] Cf. Id. *A vida em busca de liberdade*, p. 99.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912219/CA

imortal. O Apóstolo compara as duas à planta, que é semente e depois planta. É a mesma planta, mas de duas maneiras bem diferentes."[407]

No *Pneuma Divino* enviado pelo Cristo Ressuscitado, podemos não somente viver, mas produzir vida, vencendo as forças da morte e fazendo reinar a vida.

Jesus prometeu aos seus discípulos o envio do Espírito Santo para que estivesse sempre com eles (Jo 14, 16-17). A finalidade desta presença permanente do Espírito é a transformação do mundo, para fazer dele uma Nova Criação (2Cor 5, 17; Gl 6, 15), restaurando o primigênio desígnio de Deus. "Onde está o Espírito do Senhor, aí está a liberdade" (2Cor 3, 17), estão a libertação, a transformação da sociedade. A chegada do Reino é dom de Deus, através de Jesus, pela força do Espírito. No entanto, toda a Igreja e todos os homens de boa vontade, deixando-se levar pelo Espírito de Deus (Rm 8, 14), estão comprometidos com apressar a chegada do Reino, tornando-o cada dia mais perto, "progredindo sempre, firmes e inabaláveis, na obra do Senhor, sabendo que nosso esforço não é em vão no Senhor" (1Cor 15, 58).

A criação inteira e, de modo particular, a humanidade, estão esperando ver-se livres da escravidão da corrupção, para serem admitidas na liberdade gloriosa dos filhos e filhas de Deus. Para isso, possuímos as primícias do Espírito, que mantém viva em nós a esperança da libertação (Rm 8, 19-25). Por isso, a pneumatologia dos movimentos de libertação "concebe o Espírito de liberdade que atesta o sentido da existência terrena de Jesus como marcha libertadora para o Reino de justiça." O Espírito Santo é penhor e garantia para a plena libertação do Povo de Deus (2Cor 1, 22; Gl 5, 5; Ef 1, 13-14). Isto quer dizer que o Espírito Santo é o dinamismo interno do Reino de Deus já começado na terra. O Espírito vai agindo na transformação do mundo e na libertação dos pobres, e o faz servindo-se dos próprios pobres.[408]

A Ressurreição de Jesus anuncia também a vinda futura de um mundo novo, onde a vida triunfará definitivamente sobre a morte. No final desta caminhada, que terá sido uma longa luta contra a morte e suas forças, virá o ponto final: eis a morada de Deus com os homens. Ele habitará com eles. Eles serão o seu Povo e Ele será o Deus que está com eles. "Ele enxugará toda lágrima de seus olhos. Já não haverá morte. Não haverá mais luto, nem clamor, nem sofrimento, porque o

[407] COMBLIN, José. *A vida em busca de liberdade*, p. 100.
[408] Cf. *Dicionário Teológico – O Deus cristão*, p. 784.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912219/CA

mundo antigo desapareceu" (Ap 21, 3-4).

A "Nova Criação" e o nascimento do homem novo é explicitado por Comblin na relação com o *Pneuma Divino*. Recorrendo à Palavra e à Tradição, nosso autor busca entender o texto de Gênesis a partir do Espírito Santo ativo na criação. Assim como o Espírito Santo esteve no princípio da criação, da mesma maneira Ele está no princípio da "Nova Criação", que tem como centro a regeneração do ser humano, pois o Espírito começa uma nova humanidade, feita à imagem de Cristo e incorporada nele.[409]

A renovação da criação pelo Espírito tem como sentido último esta regeneração do ser humano, "remido por Cristo e tornado criatura nova no Espírito Santo"(GS 37, 3). Pelos textos bíblicos, Comblin constata que a missão última do Espírito Santo é esta renovação da criação e o nascimento do homem novo: "esse mesmo Espírito que foi autor da criação leva o mundo até a consumação final que é a realização do novo mundo, da vida eterna. A sua presença e ação no povo já constitui um sinal concreto de que este mesmo povo está caminhando para a ressurreição, para a renovação da humanidade, para o escatológico."[410]

Este homem novo, nova criatura, nova humanidade, é definido pelo Pe. Garcia como o ser humano criado pelo Espírito Santo na imagem de Cristo, o novo Adão, o primogênito, a imagem perfeita de Deus, o reconciliador e recapitulador,[411] um novo modo de ser aberto ao diálogo com Deus, chamado a fazer encontro com Ele, consigo mesmo, com os outros e com toda a natureza, em meio a sua própria ambiguidade, tensões, conflitos e lutas, pois esta nova realidade convive com a antiga, e persistirá até a maturidade, ou plenitude.[412]

> Vida nova, em conformidade com Jesus Cristo, consiste em ser livre para sair de si próprio, do fechamento na própria subjetividade, para se encontrar com o outro lá onde ele está, para caminhar junto com ele, para partilhar o seu sofrimento ou a sua alegria. Trata-se de uma relação de reciprocidade que enriquece os seres em relação. Esta solidariedade tenciona estabelecer, na relação, uma certa igualdade, de superação, na medida possível das disparidades daqueles que se envolvem no relacionamento.[413]

---

[409] Cf. COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a libertação*, p. 67-68.
[410] Id. *O Espírito Santo e sua missão*, pp. 216-217.
[411] Cf. RUBIO, Alfonso Garcia. *Unidade na pluralidade, o ser humano à luz da fé e das reflexões cristãs.* 4ª ed. São Paulo: Paulus, 2006, p. 209.
[412] Cf. Idem.
[413] Id. *Elementos de antropologia teológica.* 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 166.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912219/CA

O ser humano novo é o ser humano cristificado, ou em processo de cristificação, cuja vida é caracterizada pelo seguimento de Cristo, pela abertura a Deus pelo amor-serviço, no coração do tempo, do mundo e da história atuais. O homem novo vive também uma relação nova com o mundo criado, relação que sabe articular a utilização responsável dos recursos naturais com uma atitude contemplativa, capaz que é de perceber a dimensão simbólico-crística da criação.[414]

Conduzidos pelo Espírito, olhamos para Jesus Cristo, o novo homem, descobrindo n'Ele o que significa ser humano e, igualmente, o que significa ser desumano. Esta percepção, insiste Garcia Rubio, concretiza-se no tempo presente da vida comunitária eclesial, pois é nela que se encontra o testemunho vivo da verdade cristã sobre a genuína humanização, mas destaca Rubio, é testemunho válido quando a comunidade, fiel ao Espírito, assume e vive o seguimento de Cristo como a sua razão única de existir.[415]

Ao considerar a missão do Espírito Santo como atuante na Nova Criação em favor da renovação da humanidade e, de modo todo especial, em favor dos pobres, Comblin já restitui ao Espírito sua natureza escatológica:

> Torna-se evidente que o Espírito não pertence ao mundo, nem é parte dele ou da história: Ele é Deus igualmente e consubstancial ao Pai e ao Filho, superior a toda história. Quando o Espírito vem, somente pode ser para o último. Não pode vir como parte da história, como uma força ao lado de outras. O Espírito Santo vem para concluir, acabar, dar a plenitude, salvar e fundar o Reino de Deus.[416]

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912219/CA

4.3. A primazia da Vida sobre a morte: transformação pelo *Pneuma*

No contexto continental dos povos latino-americanos, falar da primazia da vida sobre a morte encontra seu argumento na força ativa do *Pneuma Divino*. O ponto de partida será sempre o evento da Ressurreição de Jesus, que enche o mundo de esperança de que, apesar da morte, a vida sempre prevalece.

---

[414] Cf. RUBIO, Alfonso Garcia. *Unidade na pluralidade*, p. 217.
[415] Cf. Idem.
[416] COMBLIN, José. *A vida em busca da liberdade*, p. 56.

A partir disso, uma questão se apresenta: o que é viver e morrer?

Comblin tem convicção de que "viver é agir, produzir, mudar o mundo em que estamos mergulhados, uma vez que essa ação nos torna criadores, autores de nós mesmos."[417] Mas esta concepção não é partilhada pelo senso comum da humanidade, pois os dominadores querem uma vida de tranquilidade, sem esforço, e coberta de prazeres, como já acenamos. Por outro lado, diz Comblin, a concepção de vida cristã difere-se desta, pois se não podemos impedir a morte final, podemos ao menos transcorrer o tempo que nos é dado para viver realmente. Isso se faz pelo agir no mundo.[418]

Morrer é esgotar o tempo de uma etapa, que na linguagem de São Paulo seria o momento da potencialização da semente, vir-a-ser planta na sua totalidade. Na linguagem escatológica morrer, é desabrochar para a vida que alcança sua consumação e plenitude. Todavia, a força do pecado imprimiu na experiência da morte o medo, o fechamento do ser humano em si mesmo, que a vê como violência à sua natureza, interrupção, aniquilamento. O pecado, neste sentido, trouxe dor e sofrimento ao fato de morrer, porque ele indica fim, ausência e se opõe à vida.

A humanidade vive, então a realidade da vida e da morte, sempre como uma batalha de uma sobre a outra.

Nesta direção, a luta entre a vida e a morte, conforme Comblin, constitui o drama da história humana. História paradoxal, onde houve a formação e o desenvolvimento de civilizações, mudanças no modo de viver, prolongamento da vida graças ao conhecimento mais exato tanto das doenças como dos remédios. Em contrapartida, esses serviços destinam-se às elites, não à massa empobrecida.

A luta entre as forças de vida e forças de morte é o desafio da liberdade: vamos matar ou dar vida? Essa escolha, esse exercício da liberdade desafia cada pessoa. Cada uma se define pela resposta à pergunta: estou dando vida ou destruindo-a?[419]

Os seres humanos são chamados a tecer a sua vida, onde o nível mais profundo da opção é a escolha entre o serviço aos outros ou a destruição dos

---

[417] COMBLIN, José. *A vida em busca da liberdade*, p. 56.
[418] Cf. Idem.
[419] Ibidem, pp. 30-31.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912219/CA

outros. É nessa escolha que se define para sempre o valor da pessoa. A sua sorte, no final desta vida terrestre, depende da escolha feita durante esta vida.[420]

Na América Latina, a partir da experiência de vida das Comunidades Cristãs empobrecidas, podemos afirmar que a força da vida é maior que a força da morte? Quais são os sinais que apontam para a realidade da primazia da vida, que, conduzida pelo *Pneuma Divino*, vai se transformando e descortinando o futuro pleno em Deus?

4.3.1. O contexto de morte no Continente Latino-americano: contra-sinal à vida no *Pneuma Divino*

A preocupação pela vida torna-se particularmente sensível quando está ameaçada pela morte. Quem consegue criar ampla estrutura de proteção contra todos os perigos, não precisa preocupar-se com a vida. Pode estar na ilusão de que a morte não existe e que a vida é um bem assegurado. Para quem vive numa ameaça permanente, sentindo que a morte está muito perto, não pode não pensar na vida, valorizá-la, preocupar-se com ela e recorrer a Deus. Para esses, Deus é o último recurso, a última defesa, o único Salvador quando todos os outros estão fazendo falta. O Deus da vida é uma expressão muito significativa.[421]

Conforme Faustino Teixeira, a vontade de vida, centro e objeto da pregação de Jesus e ação do Espírito, encontra enormes resistências no contexto capitalista latino-americano, pois há um cerco diabólico de morte que cerceia as condições mínimas de sobrevivência.[422] Ressalta ainda este autor que o que impede o potenciamento humano e o alargamento dos anseios mais primários dos pobres e deserdados, obriga-os a viver como estrangeiros em sua própria terra.

Para Faustino, “este cerco diabólico da morte manifesta-se nas várias dimensões da vida. Na dimensão econômica, mediante a produção da pobreza, onde as estruturas econômicas e sociais concentradoras orientam a vida para a

[420] COMBLIN, José. *A vida em busca da liberdade*, p. 31.
[421] Cf. Ibidem, p. 20.
[422] Cf. TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. *Comunidades Eclesiais de Base*, p. 107.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912219/CA

morte,”[423] sempre que o acesso ao trabalho, à moradia, aos serviços, à saúde, à educação, tornam-se oportunidades cada vez mais limitadas.[424]

Também na dimensão política e cultural há um forte cerceamento da estrutura de morte. Na primeira, impedindo, pela lógica do poder, o desenvolvimento do ser humano, e na dimensão cultural, por meio do aniquilamento da identidade popular.[425]

Segundo José Comblin, a América Latina é um Continente em que a ameaça de morte está muito perto da maioria da população. “Essa situação continua depois de 50 anos de discursos, reuniões, assembleias, projetos, promessas solenes, planos, tratados, etc. A situação atual é herança da colonização.”[426] Para o nosso teólogo belga, em 50 anos o Continente mudou muito, produziu muita riqueza para as empresas estrangeiras e para as elites locais herdeiras dos colonizadores. As cidades, insiste Comblin, são, por um lado, a reprodução fiel das cidades norte-americanas, mas por outro lado, refúgio de milhões de miseráveis. Parece que a colonização foi uma maldição para a imensa massa empobrecida.[427]

Toda esta conquista foi realizada sob o sinal da morte, quando os povos indígenas foram exterminados, reduzidos à escravidão, vítimas de doenças desconhecidas e os escravos africanos perderam a liberdade, suas famílias, seus bens, sua língua e sua religião:

> Sobre os índios e os escravos negros a morte pairava sempre, sem cessar. A morte estava sempre rondando por perto. Tudo lhes lembrava que eram os vencidos e dependiam dos caprichos dos vencedores. A vida deles dependia do humor de seus donos. Qualquer motivo extraordinário, por mais insignificante que fosse, podia provocar a morte. E mesmo não havendo isso, o trabalho excessivo levava à morte prematura quase inevitavelmente.[428]

Essa situação atravessou os séculos, chegando aos tempos atuais com as mesmas preocupações. O relatório da Anistia Internacional de 2007 constatou que

---

[423] TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. *Comunidades Eclesiais de Base*, p. 108.
[424] Cf. Idem.
[425] Cf. Idem.
[426] COMBLIN, José. *A vida em busca da liberdade*, p. 20.
[427] Cf. Idem.
[428] Ibidem, pp. 22-23.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912219/CA

os elevados índices de violência e a ausência de segurança pública continuam sendo motivo preocupante, gerando instabilidade social na América Latina.

> A partir da análise dos relatórios de cada país, é possível notar, em toda a região, uma tendência de criminalização da pobreza e dos jovens. Quadro que é agravado pela impunidade, que tolera a ação de grupos de limpeza social, formados por agentes do Estado ou da sociedade civil. Também são citados atos hostis e ameaças contra os defensores dos direitos humanos. Os países e a cultura variam, mas os problemas são similares.[429]

O documento enfatizou a violência contra as mulheres, contra as crianças, o tráfico de armas, a pena de morte, as diferentes formas de tortura e de terrorismo, e fez também um apelo para que os defensores dos direitos humanos possam trabalhar em paz.

Outro exemplo localizado do império da morte parte do município de Nova Iguaçu, no estado do Rio de Janeiro, Brasil. Esta cidade apresentava um dos mais altos índices de violência do país, com o "aparato repressivo oficial"[430] e o Esquadrão da Morte (presente e ativo em toda a Baixada Fluminense até o final da década de 70), responsável por duas mil vítimas executadas, e "outra organização paramilitar" executando 764 pessoas somente no primeiro semestre de 1980[431].

A irrupção histórica dos pobres talvez constitua, nas últimas décadas, na América Latina, um dos fenômenos mais significativos, pois depois de séculos de miséria e exploração, de sofrimentos e mortes, surge um povo que começa a despertar para os seus direitos, levantando a cabeça, expressando sua palavra e lutando para afirmar a vida como dom de Deus em todas as suas dimensões.[432]

O povo latino-americano empobrecido quer viver e ser feliz, e, por isso, é despertado pelo Espírito para a libertação como afirmação desta vida, e vida feliz.

Comblin afirma ser bem clara a relação ou a conexão entre vida e felicidade, pois vive feliz quem é feliz, não se fechando aos outros. Vive feliz quem está em paz com os outros, presta-lhes serviços, está atento e disponível às necessidades de cada um, pois ser feliz é poder contar com a amizade dos outros. Felicidade, é

---

[429] KHAN, Irene. *O estado dos direitos humanos no mundo* – relatório da Anistia Internacional. Londres, 2007.
[430] MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e política no Brasil, 1916-1985*. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 211
[431] Cf. Idem.
[432] Cf. TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. *Comunidades Eclesiais de Base*, p. 109.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912219/CA

então, poder livrar-se da miséria, da violência, do temor, do pecado e da morte. A felicidade consiste em poder participar das mudanças já neste mundo, trabalhando para que todos possam ter acesso aos bens que garantam vida digna, que não se acomoda esperando a felicidade futura do céu.[433] Por isso, há que se ler os sinais da felicidade e da vida no Continente da Esperança. Sinais que apontam para essa realidade da ação transformadora do *Pneuma Divino*.

4.3.2. Sinais da força da vida na América Latina

Perguntar-se pelos sinais que demonstram a manifestação da força da vida entre o Povo Latino-americano é relevante a esta altura de nossa pesquisa, primeiro porque é recorrente no mundo bíblico; depois, porque é pertinente à teologia, sobretudo no seu desdobramento pastoral; e, por fim, porque ratifica o que se tem tentado demonstrar pela sistematização das ideias teológicas com acento pneumático e direção escatológica.

No NT, sobretudo nos Evangelhos, um sinal é pedido a Jesus para autenticar seu messianismo. Ele se nega a fazê-lo, pois um grande sinal já foi dado. Mas, quando João Batista, preso, precisou certificar-se de que Jesus era verdadeiramente o Messias, ou se deveria continuar esperando, a resposta vem, não em conceitos ou palavras, mas como sinais, pois é uma atividade concreta que realiza o que se espera da era messiânica: a libertação dos pobres e oprimidos. Por isso, diz Jesus aos mensageiros de João: "contem o que estão ouvindo e vendo: 'os cegos recuperam a vista, os paralíticos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres é anunciada a Boa Nova' (Mt 11, 4-5)."

A resposta de Jesus ilumina uma possibilidade de responder pelos sinais da vida, ação do *Pneuma Divino* junto às Comunidades Cristãs da América Latina: os pobres que não enxergavam uma saída, enchem-se de esperança e vêem na ação concreta do Espírito a manifestação da vida, pois aos pobres é devolvida uma visão de esperança. Os pobres resgatam a dignidade perdida em nome de uma produtividade avassaladora que exclui os contra-producentes. São desinstalados

[433] Cf. COMBLIN, José. *A vida em busca da liberdade*, p. 61.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912219/CA

pelo Espírito de sua inércia e paralisia impostas pelo sistema excludente, lutando pelos seus direitos e pelo reconhecimento de seu trabalho. São purificados de seu preconceito, lepra que desfigura e paradoxalmente configura uma dinâmica rotulista e exploradora. São libertados, pelo *éfata* do Espírito, a escutar tanto a voz do Deus que chama em Jesus Cristo a uma vida segundo o Espírito, quanto a voz de seus pares, injustiçados, oprimidos, amordaçados. São motivados, na mesma dinâmica, a abrir-se como voz e palavra para anunciar a Boa Notícia de Jesus e a denunciar as forças que escravizam, que inferiorizam e matam. Por fim, tomam posse do anúncio do Reino de Deus, conscientes de serem seu primeiro destinatário, sendo evangelizados e, a partir de si, evangelizando o mundo que os cerca.

As CEBs constituem um sinal expressivo da vontade de vida que anima os pobres em seu processo de libertação integral. Em razão de seu projeto de fundo, que é a luta em favor do Reino, as pequenas comunidades lançam-se com vigor contra tudo o que contribui para o prolongamento de uma situação de pobreza, opressão e morte, pois há uma consciência muito clara quanto ao imperativo de buscar uma vida digna, onde possa se espelhar a condição de filhos de Deus.[434]

De fato, um destes sinais da força da vida no Continente da Esperança brota no seio das CEBs, como afirma Leonardo Boff. "As CEBs estão nos ajudando a recuperar o sentido bíblico e mais tradicional da espiritualidade. Biblicamente, espiritualidade significa a vida segundo o Espírito, ou toda atividade humana orientada para a reprodução, promoção e defesa da vida."[435] Andar segundo o Espírito, insiste Boff, produz gestos e atitudes que expandem o sistema da vida.[436]

Como já vimos, esta compreensão da espiritualidade surgiu nas CEBs e, em geral, na Igreja Latino-americana que se comprometeu com as maiorias oprimidas, a partir de duas experiências que se conjugaram: a experiência da iniquidade do sistema capitalista que ameaça o povo de morte e a leitura da Bíblia em comunidade.[437]

Esta espiritualidade permitiu ao povo reassumir de forma criadora as devoções populares, como os atos penitenciais, as "via-sacras", os "rosários", as

[434] Cf. TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. *Comunidades Eclesiais de Base*, p. 111.
[435] BOFF, Leonardo. *Cebs: que significa "novo modo de ser"?* In: REB 49, fascículo 195, 1989, p. 554.
[436] Cf. Idem.
[437] Cf. Idem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912219/CA

"procissões" e os "benditos". Os membros das CEBs retomam a tradição, filtram-na pelos critérios evangélicos, acrescentam-lhe novos conteúdos, mais ligados ao seguimento de Jesus, ao sentido ético de ser cristão e ao compromisso com a justiça a partir dos pobres.[438]

Para Boff, a força da vida, sopro do Espírito, gestou nas comunidades latino-americanas traços muito característicos que expressam vida: militância, companheirismo de caminhada, comprometimento político e ecumenismo.[439]

A liturgia celebrada no contexto das CEBs, ou dos pobres em geral, é viva, dinâmica e participativa. Carregada de simbologia, de cores, cantos e danças que expressam verdadeiramente a celebração da vida como festa da comunidade local.

> Em torno às celebrações, verifica-se a grande criatividade do povo com respeito aos símbolos litúrgicos, a vivacidade e fecundidade com que comunicam o seu universo de fé, a intensa participação de todos como sujeitos de um novo modo de celebrar a comunidade dos fiéis. Apropriando-se da liturgia, plasmando-a em sintonia com a sua vida concreta, compreendendo-a em seu significado englobante, os pobres em comunidade manifestam em sua forma visível e palpável um novo rosto da Igreja.[440]

Desta forma, sinaliza-se como mais ênfase, a conexão entre fé e vida e, que o espaço do culto, do louvor, da assembleia litúrgica é o local do encontro das pessoas que manifestam sua alegria em viver.

Na prática religiosa das CEBs, estas celebrações constituem momentos privilegiados de encontro, comunhão, animação evangélica, pois a celebração é um elemento essencial na vida das CEBs, presente no dia a dia da vivência comunitária como um fator de união, festa, solidariedade e reflexão.[441]

> Celebrando, as CEBs confirmam sua certeza de que Cristo Ressuscitado as acompanha na caminhada e reafirmam o seu desejo permanente de que venha o Reino de Deus. Os participantes das comunidades guardam um carinho muito especial para com as celebrações. Gostam de participar destes momentos fortes de encontro e dão o melhor de si no fortalecimento e crescimento dos mesmos.[442]

---

[438] Cf. BOFF, Leonardo. *Cebs: que significa "novo modo de ser"?*, p. 557.
[439] Cf. Ibidem, pp. 557-558.
[440] TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. *Comunidades eclesiais de base*, p. 124.
[441] Idem.
[442] Idem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912219/CA

Outro sinal, ainda apontado por Leonardo, é que na sociedade estão surgindo sujeitos históricos novos, que eram comumente oprimidos e marginalizados dentro da ordem prevalente. Destes, as mulheres são sinais mais evidentes. Elas estão reivindicando um tratamento de igualdade que supere o milenar patriarcalismo e machismo de nossas culturas. Desenvolveram nas últimas décadas significativa reflexão teológica crítica, dando conta de sua invisibilidade institucional e positivamente resgatando o lugar teológico da mulher para toda a teologia.

Nas CEBs, as mulheres encontram um espaço de participação e de integração que lhes era obviado no modelo tradicional de Igreja. Grande parte dos coordenadores das CEBs são mulheres, muitíssimas delas, conscientes de seu ser feminino e da contribuição positiva que dão, enquanto mulheres, para a comunidade eclesial e para a sociedade. Assim, as CEBs se fazem lugar e espaço de humanização de homens e mulheres, a caminho da superação de discriminações em razão do sexo e na direção da integração e valorização, por igual, das diferenças.[443]

Certa plenitude dos tempos chegou para muitas mulheres da América Latina, mas não se trata da chegada da felicidade tranquila ou de tempos áureos de paz, mas de caminhos sofridos e ternos, caminhos qualitativamente diferentes, caminhos que podem conduzir para a liberdade.[444]

Mais um sinal da força da vida é a relação com a fé. Uma fé misturada com a vida, onde o amor ao próximo é vivido como acolhida e solidariedade; a esperança, como sobrevivência em condições de vida para nós absurdas, e como alegria apesar dos pesares; a moral é enriquecida com a bem-humorada sabedoria do jeitinho, espécie de instintiva "hierarquia das normas", tão importante quanto a

---

[443] Cf. BOFF, Leonardo. *Cebs: que significa*, pp. 558-559; *A busca de uma convivência entre homens e mulheres e com a natureza passa pela construção de novas relações sociais. O esforço pelas CEBs, nestas últimas décadas, mesmo remando contra a corrente, aponta para uma nova sociedade solidária e justa e para um novo modelo de Igreja que assuma, de fato, as "dores e alegrias do Povo de Deus." Neste sentido, "aunque es de noche", vemos muitos sinais de esperança brotando no meio das comunidades: cristãos e cristãs assumindo a participação política, a criação de novos ministérios, a presença das mulheres, mesmo podadas em suas aspirações, em todos os espaços eclesiais, o assumir da negritude por parte dos negros e negras nas comunidades, a presença dos(as) jovens, indicando que a Igreja tem futuro. Tudo isso dá esperança!* Cf. FERRARO, Benedito. *A esperança dos pobres vive.* Op. cit., p. 429.

[444] Cf. GEBARA, Ivone. *A esperança dos pobres vive*, p. 444.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912219/CA

das verdades; seu espírito crítico transborda em cantos, “gaitices” e irreverências de todo tipo, que invertem nossa desordem institucionalizada.[445]

A força da vida é também sinalizada pela tomada de consciência de se ser Povo de Deus. Um povo que aprende a olhar para Deus como seu Grande Aliado, para uma vida melhor, para viver de maneira mais solidária, para libertar-se juntos. Tudo isso com a força de Deus, que não é como a força das forças armadas ou das multinacionais, mas que é a força do Espírito. Desse Espírito de Deus que educa o Povo a partir de dentro, inspirando a fé confiada, o amor aos irmãos, a esperança. Do Espírito do Crucificado agora Ressuscitado, que nos conduz pelo caminho da compaixão de uns com os outros, da solidariedade e a organização a partir da base, da alegria compartilhada na presença do Deus da Vida.[446]

Como Povo de Deus, as CEBs manifestam sua razão de existir, de crescer, dando testemunho da força do Espírito que se manifesta nelas através de encontros de convivência, de partilha, de avaliação e de formação conjunta. No Brasil estes grandes encontros têm acontecido com o nome de Intereclesial das CEBs que desde de 1975, em Vitória, até 2009, em Porto Velho, vem sinalizando a vivacidade das pequenas comunidades espalhadas pelo Brasil afora.

Para este último encontro, no auge dos seus 86 anos, o Pe. Comblin enviou uma mensagem muito significativa que resume a vivacidade das CEBs reunidas nestes encontros intereclesiais:

> O intereclesial reúne-se na região Norte do Brasil, donde nos vêm hoje em dia os mais fortes testemunhos proféticos. É também a região em que a evangelização exige mais energia e provoca mais cansaço. Mas é, por isso mesmo, aquela que mais suscita alegria e entusiasmo (...) Já ouvi pessoas que diziam: as CEBs já foram, pertencem ao passado. Vocês vão mostrar que ainda pertencem ao presente e inclusive ao futuro. Não se inventou outra maneira de tornar a Igreja presente no mundo popular.[447]

---

[445] Cf. BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais.* São Paulo: Hucitec, 1987. COX, Harvey. *A festa dos foliões.* Petrópolis: Vozes, 1974. JUNIOR RIBEIRO, Noel Jorge Cláudio. *A festa do povo. Pedagogia de resistência.* Petrópolis: Vozes, 1982.

[446] Cf. MUNOZ, Ronaldo. *Solidaridad liberadora: misión de la Iglesia*. In: *A esperança dos pobres vive*, p. 560.

[447] COMBLIN, José. *Mensagem às CEBs.*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912219/CA

A luta de libertação é interpretada nas pequenas comunidades como um movimento de vida contra a morte. Na linguagem popular, como um mutirão comprometido na derrubada da árvore da morte, com seus galhos de desigualdades, violências, sofrimentos, dominações, etc; e unido para plantar, regar e adubar a árvore da vida (EC 1, 321).[448]

Por fim, não podemos deixar de mencionar aqui o martírio, que é, paradoxalmente, um sinal de vida e de morte, pois enquanto se experimenta a morte, morre-se em nome da vida, para produzir vida e conduzi-la à sua perfeição.

Por isso o mencionamos e destacamos, aqui, não como sinal de morte, ainda que o seja, e sinal, muitas vezes bárbaro, de morte; mas preferimos enfocar o martírio como sinal da força da vida que vence a morte.

É o caso deste nosso Continente. Quantos homens e mulheres, jovens e crianças, adultos e idosos, indígenas, afro-americanos, estrangeiros, missionários, pobres, pastores, religiosos, líderes, derramaram seu sangue fecundo nestes mais de 500 anos de evangelização latino-americana. São inúmeros os que lavaram suas vestes com o sangue do Cordeiro: Oscar Romero, Ezequiel Ramim, Josimo, João Bosco, Dorothy Stang, Chico Mendes, entre tantos, citando apenas alguns mais conhecidos.

Aqui lembramos apenas o caso dos mártires da Baixada Fluminense,[449] vítimas da crueldade do tráfico de drogas, que, por serem uma família da Comunidade, cujo martírio solidificou a comunidade de fé, tornaram-se um sinal da força da vida, suscitando, pelo seu martírio, a mobilização pela vida que vence a morte.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912219/CA

---

[448] TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. *Comunidades Eclesiais de Base*, p. 112.

[449] *Na noite de 3 de maio de 1988, os sonhos de vida e de amor de Dona Maria das Neves foram interrompidos por mãos assassinas. A casa de Maria das Neves e Sebastião foi invadida. Dona Maria tentou pedir socorro. Foi agredida e assassinada no quarto em construção já preparado para receber a laje no fim de semana seguinte. Os assassinos perfuraram seu corpo de mãe grávida com tesoura que ela usava como instrumento de trabalho para ajudar no sustento da família. Depois, no único quarto da casa, onde toda a família vivia, suas três filhas – Elizete (5 anos), Elionte (7 anos) e Eliete (9 anos)- foram violentadas e sufocadas, enquanto o pai, imobilizado, foi obrigado a assistir. Por fim, este também foi assassinado. A violência não terminou aí. Em uma demonstração de brutalidade, os algozes mataram os passarinhos que estavam em gaiolas e até as flores em frente à casa foram pisoteadas e arrancadas. Produziram um quadro de terror para impor o medo: não podia ficar nenhum sinal de vida. o motivo dos crimes seria vingança. O Sr. Sebastião não teria permitido que traficantes se aproveitassem de seu lugar de trabalho – um pequeno bar – como ponto de distribuição de drogas; "pior", denunciou o fato à polícia.* Cf. CHARLES, Carlos & OLIVEIRA, Ana Márcia. *Nossa Senhora dos Mártires da Baixada à luz de AP 12, 1-8.* Trabalho monográfico apresentado no Curso de Pastoral Bíblica, ministrado pela Professora Tereza Cavalcanti na PUC-Rio, 2009, p. 8.

E na sequência, também o caso dos sacerdotes missionários, de naturalidade polonesa, da Ordem dos Frades Menores Conventuais, *Miguel Tomaszek* e *Zbigniew Strzałkowski*,[450] assassinados em Pariacoto, Peru, pelo Sendero Luminoso, por estarem divulgando a fé. Vejamos os relatos.

Maria das Neves, Sebastião, Elizete, Elionete, Eliete e o futuro bebê que a família esperava foram brutal e cruelmente assassinados no final da década de 80 no Jardim Amapá, Baixada Fluminense, Estado do Rio de Janeiro, no Brasil. Era uma família de fé e de vivência comunitária, que se viu diante da força massacradora do narcotráfico. Por ter resistido ao mal e à sua imposição, o pai e marido, Sebastião, incitou a fúria dos bandidos. Estes, sem piedade, chacinaram a família toda, transformando o local em cenário de destruição total.

No início da década de 90, em Pariacoto, Peru, dois frades franciscanos Conventuais, Miguel e Zbigniew, inseridos em seu trabalho cuidadoso e pastoral junto aos empobrecidos locais, foram capturados e assassinados pelo Sendero Luminoso por causa da propagação da fé e incitação dos pobres em seu processo de conscientização.

Estes dois casos registram bem o contexto de martírio das Comunidades dos Pobres, tanto no Brasil quanto no Peru, que fecundaram com seu sangue a vida das comunidades locais. Na primeira, uma comunidade se ergueu para lutar pela

---

[450] *Hacia las tres de la tarde, hora en que non habia mucho movimiento en la Plaza de Armas de Pariacoto. Zbigniew fue visto conversando con unos extraños, probablemente terroristas. Como de ordinario, antes de la misa los frailes expusieron El Santísimo. Durante la eucaristia, según testigos presenciales, aquel dia Zbigniew exhortaba, con los ojos hacia la puerta de la Iglesia, a la esperanza y a la fidelidad a Dios. Luego vendria la reunión con los jóvenes , pero Zbigniew se detuvo para curar la herida de un niño cuya madre se llama Ana. Durante la reunión, ya de noche, unos quince o vinte guerrilleros acorralaron la cuadra em donde está ubicado El convento y la iglesia. Los "terrucos", en un primer momento, engañan a los jóvenes presentes diciéndoles que necesitan utilizar los vehículos de los padres, y se dirigen a la habitación de Zbigniew a buscar las llaves. Uma vez en allí, Zbigniew cede a la petición de uno de los terroristas de llevarse los binoculares. Poco después, tanto Miguel como Zbigniew, fueran llevados por los "terrucos" a la Plaza de Armas atados de manos. En el mismo vehículo se colo, a viva fuerza y por su propia cuenta, la hermana Berta. Los terroristas habían subido a la camioneta um bidón de gasolina; fue el momento en que los frailes intercambiaron algunas palabras en polaco, siempre con mucha paz e serenidad. Solo Dios sabe que se dijeron. Luego los "terrucos" empujaron a la hermana fuera del vehículo y tomaron la ruta de Cochabamba: Tras cruzar el puente, echaron la gasolina sobre el mismo y lo incendiaron. Al otro lado, los terroristas se pararon entre 15 y 20 minutos a la altura de las ruinas de la antigua iglesia del Señor de Mavo, ubicada en Pueblo Viejo, lugar en el que vivian escasas cuatro familias. En este lugar, los terroristas asesinaron a los frailes franciscanos conventuales junto con el alcalde de Pariacoto, Justino Masa. Consumado el hecho, continuaron su camino continuaron su camino y, a la altura Del pueblo Paché, abandonaron los vehículos tras incendiarlos.* Cf. MAZUREK, Dariusz Robert. *Testimonio sobre la vida y martírio de Miguek Tomaszek y Zbigniew Strzalkowski, Frailes Menores Conventuales.* In: Decires, I, nº 1, 2009, pp. 20-22.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912219/CA

vida e preservá-la com força profética. Na segunda, toda uma população se mobilizou, consternada, pela missão e evangelização de seu povo, lutando contra o poder da morte imposta pelos terroristas peruanos.

Esses sinais da força de vida, presentes na vida dos empobrecidos do Continente Latino-americano apontam para a transformação operada pelo *Pneuma Divino,* que, à luz do Ressuscitado, dá sentido ao existir humano, cuja finalidade última é o Deus da vida que em Jesus Cristo passa pela morte pelo mistério pascal.

4.3.3. A transformação no Espírito Santo

Neste mundo, lembra-nos Comblin, os seres humanos lutam contra a morte, mas acabam morrendo. Aí entra a tarefa do *Pneuma Divino*, força de vida, de gerar vida que suplante a morte, que a transforme, convertendo-a em plenitude de vida. O ponto de partida é a Morte e Ressurreição de Jesus, vida que supera a morte e que dá sentido tanto à vida cristã quanto à morte.

Nas palavras de Nocke, a tradição cristã denomina a vida, entre nascimento e morte, de "peregrinação". Neste sentido, a "morte é o fim da peregrinação", quando acaba o tempo das decisões. "A morte não é somente o fim desta vida, mas a torna definitiva. Com isso, a existência humana recebe seu pleno peso, uma importância única."[451]

A tradição cristã compreendeu a morte como consequência do pecado,[452] trazendo, por meio desta interpretação teológica, dificuldades para a compreensão da humanidade e para a escatologia atual, onde a questão que se impõe é saber se

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912219/CA

[451] NOCKE, Franz-Josef. *Vida a partir do Espírito*, p. 401.

[452] *É verdade de as passagens bíblicas aduzidas, como Gn 2,17 e 3, 19 não fornecem uma comprovação escriturística clara (a morte imediata, com a qual se ameaça em Gn 2, 17, não acontece por ocasião da queda no pecado em Gn 3; em 3,19 não fica claro se o "retorno à terra agricultável" constitui parte do castigo ou seu fim temporal); em Paulo, porém, a relação é evidente: "Por um só homem veio o pecado ao mundo, e por meio do pecado, a morte; e desse modo atingiu a todos os seres humanos, porque todos pecam" (Rm 5, 12).* Cf. Ibidem, p. 402.

a morte não faz necessariamente parte do ser humano mesmo que não houvesse o pecado.[453]

A vitória sobre a morte, segundo Nocke, não é sua eliminação, e, sim, sua transformação. Assim sendo, dever-se-ia, muito antes, ver o fator hostil, a consequência do pecado, não da morte em si, mas em determinada experiência de morte.

> Esse é o caminho encetado pela teologia mais recente: a consequência do pecado não é o simples fato da limitação temporal de nossa vida e que um dia haveremos de morrer, e, sim, o fato de experimentarmos a morte como hostil, como interrupção, como contrária à dinâmica da vida, colocando, desse modo, em dúvida o sentido de toda a vida. O homem "paradisíaco", ou seja, sem pecado, poderia enfrentar a morte com alegria, como um desvanecer-se, como amorosa entrega a Deus, como beatificante nascimento para uma nova vida. [454]

Em Cristo, a morte muda de significado, pois Ele aceitou a morte como caminho para vencer o mundo, vencer a morte e seus poderes. Em sua morte, Cristo oferece sua vida como resgate pela redenção da humanidade. Assim, a morte vivida em Cristo deixa de ser passiva, e torna-se um ato de serviço a Deus e de serviço aos irmãos, ou seja, a própria morte é ato de vida.[455]

Segundo Tomás Spidlík, Jesus não amenizou a tristeza da morte, mas teve compaixão daqueles que a vivenciaram de perto, como no caso da filha de Jairo (Mc 5, 21-24; 35-42) e particularmente de Lázaro (Jo 11, 1-14), que de modo espontâneo suscita nele o pensamento da própria morte. Quando se aproxima da hora da sua morte fica amedrontado de maneira trágica, a ponto de implorar ao Pai para libertá-lo dessa situação amarga (Mc 14, 36).[456]

Assim, a morte deixa de ser o fim da existência para ser a entrada para a vida eterna, pois o Espírito conduz para o significado de que a morte leva a Cristo

---

[453] *É certo que a eliminação da morte ou mesmo seu adiamento quase ilimitado deixaria a terra e a humanidade numa condição impossível e nem mesmo prestaria um benefício ao indivíduo.* Cf. BENTO XVI, *Spe Salvi*, 11. A*s dificuldades suscitadas pela possibilidade de a morte ser consequência do pecado são: o ser humano não estaria sujeito á lei de nascer e morrer, da mesma forma que o restante da natureza viva? Não se tornariam as chances de sobrevivência das gerações futuras cada vez mais menores, se os primeiros vivessem eternamente? Acaso uma existência sem fim seria desejável? Não se tornam os diversos momentos da vida preciosos justamente pela pressão extrema de finitude?* Cf. NOCKE, Franz-Josef. Op. cit., p. 403.

[454] Idem.

[455] Cf. COMBLIN, José. *O Espírito Santo e sua missão*, p. 222.

[456] Cf. SPIDLÍK, Tomás. *"Maranatá", a vida após a morte.* Tradução de Cláudio Pedrini. São Paulo: EDUSC, 2008, pp. 114-115.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912219/CA

e ao Reino de Deus, à paz, ao descanso eterno, à vida plena. A ressurreição acompanha a morte e abre caminho para uma vida infinitamente melhor.[457]

O *Pneuma Divino* está presente como uma força de vida que torna homens e mulheres capazes de lutar contra as forças da morte; contra a morte, que é pecado – destruição da vida pelos próprios seres humanos. Pela força do Espírito os seres humanos participam também do dom da vida de Deus, podendo, de alguma maneira, dar vida. Deste modo, a humanidade participa do poder criador de Deus, e com a força do Espírito, cada um de nós é chamado a entrar nessa luta imensa de reconquista da vida.[458]

É nesse sentido que o drama da morte encontra na presença e manifestação do Espírito Santo sua orientação transformadora. É n'Ele que graça e liberdade se encontram para que a humanidade possa, conduzida por Ele, viver o processo de libertação para a vida. Sua ação não elimina a morte, mas antes liberta o ser humano das entranhas do pecado, para que tal experiência, a de morrer, seja uma transformação, um novo nascimento para a vida feliz em Deus.

4.4. Eternidade feliz: condução do *Pneuma Divino*, da Libertação à Vida

A pessoa humana é chamada a ser uma com Deus e tornar-se, assim, divinizada. Esta afirmação, conforme Lina Boff, encontra seu fundamento na pessoa de Jesus, que irrompe no meio da humanidade como plenitude realizadora de todos os dinamismos latentes de sua existência. Significa que "cada um de nós é convocado a realizar o chamado à vida escatológica na sua capacidade máxima, até o ponto de chegar a ser um com Deus."[459]

Neste sentido, a vida cristã testemunha essa tendência natural ao definitivo, sempre que, conduzido pelo *Pneuma Divino*, participa da vida gloriosa do Senhor Ressuscitado.[460] Essa condução do Espírito configura-se como chamado à fé escatológica que desperta e alimenta a vocação para a santidade, onde a vida

[457] Cf. COMBLIN, José. *O Espírito Santo e sua missão*, p. 222.
[458] Cf. Id. *A vida em busca de liberdade*, p. 40.
[459] BOFF, Lina. *Da esperança à vida plena*, p. 15.
[460] Cf. Idem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912219/CA

iniciada percorre seu itinerário natural, metamorfoseando, pela experiência a morte em vida feliz.

É neste sentido, segundo Comblin, que a mensagem cristã transforma as perspectivas humanas, pois o problema que perturba os seres humanos e que os preocupa é que todos devem morrer.

Tomás Spidliík se pergunta: por que o ser vivo deveria pensar na morte? Para ele, é a primeira contradição com que a razão humana se depara ao iniciar a discussão sobre esse tema.[461]

As religiões propõem uma infinidade de receitas para recorrer às forças sobrenaturais que nos podem salvar da morte. As filosofias enfrentaram a realidade da morte e procuraram amenizar essa perspectiva com a sabedoria, para torná-la menos cruel, menos perturbadora e menos sofrida.[462]

E a teologia, como se comporta diante do fato irremediável de morrer?

Para Comblin, a perspectiva bíblica é diferente, ali, onde a preocupação não reside em nossa morte, mas na morte que provocamos aos outros: somos capazes de destruir e de matar outros seres humanos, seja com um golpe, seja submetendo todo um povo à escravidão e à miséria.[463]

Comblin constata que todos os povos morrem, mas na América Latina se mata. Um punhado de poderosos condena à morte uma grande massa, pela total indiferença ou pela exploração sistemática.

Diante desta constatação, quais são os sinais de vida e de esperança do povo latino-americano a partir da reflexão teológica em chave libertadora?

Vejamos, então, esses sinais no contexto da TdL e como a manifestação do Espírito, neste contexto, pode ser dita como libertadora, apontando para a eternidade que já começa na imanência de nossa história.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912219/CA

[461] Cf. SPIDLÍK, Tomás. *"Maranatá", a vida após a morte*, p. 109.
[462] Cf. COMBLIN, José. *A vida em busca da liberdade*, p. 28.
[463] Cf. Idem.

4.4.1. Sinais de esperança na Teologia da Libertação

Na TdL são confrontados, entre outros, também impulsos da "teologia da esperança", de Jürgen Moltmann,[464] e da "teologia política", de Johann Baptist Metz,[465] tomados diretamente com a prática da sociedade, transferidos para a ação concreta e desenvolvidos em teoria e prática. Libertação do ser humano e crescimento do Reino de Deus aparecem intimamente entrelaçados; um se torna condição do outro. "Sem acontecimentos históricos libertadores não há crescimento do Reino, mas o processo de libertação não terá vencido as próprias raízes da opressão a não ser com o advento do Reino."[466]

A Cidade Santa, a Nova Jerusalém que desce do céu (Ap 21, 2), só pode assentar-se na Terra se os homens, imbuídos de fé e de paixão pelo Evangelho, unidos a todos os sedentos e famintos de justiça, lhe tiverem criado as disposições humanas e condições materiais.

Os irmãos Boff, Clodovis e Leonardo, traduzem a esperança escatológica para a "esperança histórica" de tal maneira que resulta uma perspectiva de utopias cada vez mais pretensiosas, começando no concreto-imanente e na esfera política e continuando na transcendência.

Tanto Gustavo Gutiérrez quanto Leonardo Boff fazem questão de acentuar que a consumação permanece, não obstante, um presente. Por mais que salvação e história intramundana estejam entrelaçadas, tampouco devem ser simplesmente

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912219/CA

---

[464] *No movimento de renovação dos anos 60, o sistemático evangélico Jürgen Moltmann (*1926) escreveu sua teologia da Esperança. Para Moltmann, a Bíblia "regurgita da esperança messiânica futura para a terra; (J. Moltmann, Theologie, 11) a tradição cristã da fé, porém, havia esquecido essa esperança mundana por longo tempo, porque transferiu o objeto da esperança inteiramente para o além. Moltmann vê a esperança cristã unicamente na fideliddae de Deus que mantém sua palavra de promessa (J. Moltmann, Theologie, 332), que é o conceito básico que faz par com a esperança. A importância prática desta teologia se revela especialmente na relação entre cristianismo e sociedade. Enquanto, segundo Moltmann, a paralisação da esperança mundana acompanhou durante séculos a acomodação à respectiva sociedade, até mesmo com sua transfiguração religiosa, com a redescoberta da esperança é liberado um poder crítico e mobilizador que leva ao constante protesto e êxodo das condições de cada época.* Cf. NOCKE, Franz-Josef. *Vida a partir do Espírito*, p. 365.

[465] *Quase simulataneamente, Johann Baptist Metz (*1928) desenvolveu idéias semelhantes sob o título "teologia política", o que para ele significa a "tentativa de formular a mensagem escatológica sob as condições de nossa sociedade atual (J.B. Metz, Tjeologie, 99). A escatologia não deve ser abordada em termos cosmológicos nem em termos ontológico-existenciais,e, sim, em termos políticos. Pois a "esperança crítico-criadora que a rege refere-se essencialmente ao mundo enquanto sociedade e às forças transformadoras do mundo dentro dela (87).* Cf. NOCKE, Franz-Josef. Op. cit., p. 365.

[466] GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da libertação*, p. 155.

identificadas uma com a outra. Motivos bíblicos, nos quais a TdL se inspira, são as promessas proféticas do AT com seu efeito de mobilização histórica, sobretudo o motivo do êxodo (posteriormente, em virtude da experiência de nova opressão por ditaduras militares, também o motivo do cativeiro) e sobretudo o Reino de Deus anunciado por Jesus, o verdadeiro Cordeiro de Deus.

Refletir a partir da prática histórica da libertação significa refletir à luz do futuro em que se crê e que se espera, e manter o olhar voltado para uma ação capaz de modificar o presente.[467] Por isso, Moltmann chegou à conclusão de que a TdL, assim como a "Teologia de Esperança", não pretendem apenas interpretar o mundo de uma maneira diferente, mas também modificá-lo, pois elas vêem o mundo não à luz transcendental da religião, mas sim na luz escatológica do Reino de Deus que há de vir. Portanto, para Moltmann, a TdL é, pois, uma hermenêutica contextual do Evangelho, referida ao *kairós*.[468]

Na perspectiva histórica da redenção escatológica, o além e o aquém não possuem limites rígidos. As experiências de libertação, aqui, e a esperança de redenção, lá, constituem na prática uma unidade. É certo que não podemos transformar todas estas esperanças em experiências, mas com estas esperanças podemos fazer novas experiências que correspondem a estas esperanças.[469]

A TdL desencadeou calorosas discussões sobre a relação de escatologia e política e levou à pergunta fundamental sobre "se algum dia poderá ser alcançada a superação do mal e a salvação do mundo por ordens políticas ou se elas sempre podem ser apenas "ordens emergenciais num mundo marcado pelo pecado."[470]

Discussões à parte, para Comblin, é a ação do *Pneuma Divino* no mundo que liberta, vencendo o mal e o pecado, salvando o ser humano de seu fechamento, e, a partir disso, abrindo-o à dinâmica da vida, que caminha na direção de sua fonte primeira: Deus.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912219/CA

[467] Cf. GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da libertação*, p. 20.
[468] Cf. MOLTMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida*, p. 110.
[469] Cf. Ibidem, p. 114.
[470] NOCKE, Franz-Josef. *Vida a partir do Espírito*, pp. 366-367.

4.4.2. O Espírito Libertador aponta para a eternidade

O ser humano moderno se confronta com o conceito de eternidade com indiferença, desconfiança, desânimo e até, paradoxalmente. A questão da concepção moderna de eternidade foi levantada pelo Papa Bento XVI, que muito oportunamente, aponta o problema da rejeição da fé como resultado do fato de que a vida eterna não se apresenta mais como desejável:

> Não querem de modo algum a vida eterna, mas a presente; antes a fé na vida eterna parece, para tal fim, um obstáculo. Continuar a viver eternamente – sem fim- parece mais uma condenação do que um dom. Certamente a morte queria-se adiá-la o mais possível. Mas, viver sempre, sem um termo, acabaria por ser fastigioso e, em última análise, insuportável. Por um lado, não queremos morrer, mas por outro, também não desejamos continuar existindo ilimitadamente. [471]

Esse paradoxo, segundo Bento XVI, nos conduz a uma reflexão mais profunda: o que é na verdade a vida? E o que significa realmente "eternidade"?

Citando Santo Agostinho, o Papa responde que "de certo modo, desejamos a própria vida, a vida verdadeira, que depois não seja tocada nem sequer pela morte; mas ao mesmo tempo, não conhecemos aquilo para que nos sentimos impelidos."[472] Esse desconhecido é, segundo o Papa, verdadeiramente, a esperança e a palavra "vida eterna", que procura dar nome a esta desconhecida realidade.

> "Eterno" suscita em nós a idéia do interminável, e isso nos amedronta; "vida", faz-nos pensar na existência por nós conhecida, que amamos e não queremos perder, mas que, frequentemente, nos reserva mais canseiras que satisfações, de tal maneira que, se por um lado a desejamos, por outro não a queremos. A única possibilidade que temos é procurar sair, com o pensamento, da temporalidade de que somos prisioneiros e, de alguma forma, conjecturar que a eternidade não seja uma sucessão de dias do calendário, mas algo parecido com instante repleto de satisfação, em que a totalidade nos abraça e nós abraçamos a totalidade.[473]

É nesse contexto moderno da questão da vida eterna que situamos o Espírito como libertador, que liberta para a esperança. O mesmo Espírito que aponta para a

[471] BENTO XVI. *Spe Salvi*, p. 10.
[472] Ibidem, p. 23.
[473] Ibidem, p. 24.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912219/CA

eternidade feliz em Deus, antes, age para que a fé e a esperança, apesar de todas as experiências de não-vida, de cansaço, de desânimo, de opressão, de precariedade, vislumbre, desde a realidade vivida, um futuro que corresponda ao valor da espera que se faz na luta, na ação e na busca pela libertação.

Já indicamos nos capítulos anteriores que, para Comblin, "tudo o que o Espírito produz neste mundo, converge para o mesmo fim, cada vez mais vida", e agora, podemos completar, "uma vida eterna".[474]

Na dinâmica reflexiva de Comblin, a liberdade, a palavra, o agir e a comunidade produzem vida. Tudo é ação do Espírito que liberta, suscita a tomada da voz, age transformando, cria comunidade, vitalizando com sua força a manifestação de vida humana muitas vezes vulnerável, diminuída, ameaçada, com a finalidade de apontar para o seu fim, a eternidade.

Nesta lógica, o *Pneuma Divino,* libertador da nossa esperança, tem como primeira finalidade produzir vida corporal, e, como fonte de vida eterna, vida corporal que atravesse a morte pela força da ressurreição dos corpos, pois o Espírito já é dado como penhor de ressurreição.

Sem nos aprofundar no tema tão abrangente da ressurreição dos corpos, digamos apenas que a manifestação do *Pneuma Divino* se dá, primeiramente, nesta materialização corporal. Ou seja, o Espírito que produz vida, não a produz abstratamente, mas no concreto a corporeidade, onde, a partir disso, dizemos que somos um corpo, e não "temos um corpo". Este corpo carrega em si um sistema complexo da manifestação da vida, e segundo a teologia, não se opõe ao espírito. As duas dimensões, a corpórea e a espiritual fazem parte do ser humano integrado. Aceitar a corporeidade é aceitar a concreticidade da ação do Espírito que transforma, pela ressurreição, essa realidade física e biológica, que pela fé transcende para além da morte, desabrochando a vida para a eternidade.

Segundo Comblin, esta vida eterna, penhor do Espírito, já nos foi dada, e estamos vivendo o início desta ressurreição.

Em toda a sua a obra, Comblin não utiliza o conceito ou imagem de céu, tão próprio da escatologia, mas o seu conteúdo é expresso por "mundo novo", vida eterna. Neste sentido, ele fala também de libertação eterna, "quando no fim de tudo Deus criará um novo céu e uma nova terra, isto é, um novo mundo, para uma

[474] COMBLIN, José. *O Espírito Santo e a libertação,* p. 98.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912219/CA

nova humanidade, para seu povo reunido. Este novo mundo será o Reino de Deus definitivamente realizado, pois 'Deus será tudo em todos' (1Cor 15-28). Será o desígnio que ficou escondido como mistério e sabedoria divina."[475]

Segundo Comblin, a humanidade será, em primeiro lugar, a revelação de Deus. Será, então, ver a Deus, pois o que era pecado, impossível de se realizar sem morrer, será a realidade da vida: ver a Deus para viver d'Ele, ver a Deus tal como Ele é (1Cor 13, 12; 1Jo 3, 2;); Deus será a presença. Nele, a humanidade permanecerá como numa comunhão permanente.

Esta vida futura é habitualmente expressa pelas Escrituras com a palavra "vida" ou "vida eterna". Para Comblin, dizer "vida" é dizer tudo, pois a vida é a totalidade das aspirações humanas, é, portanto, o ser humano total.[476]

Eternidade não significa um tempo que se prolonga indefinidamente, e sim um instante total, completo, que não dura, mas que é, semelhante à eternidade de Deus. Porém, algo de multiplicidade ainda subsiste, já que o homem continua sendo criatura e não perde sua individualidade e identidade de criatura numa fusão total em que desapareceria como homem.[477]

Em Comblin, o novo mundo é o lugar da reconciliação e da comunhão total da humanidade: daí a imagem da cidade feliz, da nova Jerusalém, pois a cidade remete ao conceito de lugar de encontro e de comunicação entre os seres humanos, lugar da unanimidade e da multiplicação dos contatos e das relações. Nesta nova Terra, a humanidade será um só povo, sem dominações nem autoridade, sem mediações, pois será um povo de reis e sacerdotes (Ap 1, 6).[478]

Esta vida eterna será a vitória final sobre os adversários, sobre as tentações, as seduções e as perseguições. Será o fim das aspirações, a realização da esperança: a fé e a esperança passarão. Será o prêmio pela fidelidade e constância em meio às provações e perseguições, o prêmio pelas boas obras, pela solidariedade ativa com a libertação dos oprimidos e a salvação dos pobres.[479]

Nomear o Espírito como Libertador é, por fim, assumir nossa ação humana como ação do *Pneuma Divino*. Ação que se prolonga na vida comunitária, no

[475] COMBLIN, José. *O Espírito Santo e sua missão*, pp. 228-229.
[476] Cf. Idem.
[477] Cf. Ibidem, p. 230.
[478] Cf. Idem.
[479] Cf. Idem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912219/CA

anúncio e no testemunho. Ação que ilumina e orienta a prática pastoral da Igreja a viver o sinal luminoso do Ressuscitado como presença e manifestação do Espírito.

4.4.3. Manifestação de esperança do *Pneuma Divino*: implicações prático-pastorais

Percorrendo todo o nosso trabalho acadêmico, e especialmente este último capítulo, precisamos indicar algumas implicações práticas para a pastoral, seja de toda a Igreja na América Latina, com destaque para o Brasil, sobretudo da Igreja que se manifesta nas Comunidades Pobres, suscitadas pelo Espírito na segunda metade do século XX, as CEBs, as comunidades rurais e periféricas, os Círculos Bíblicos, as pastorais sociais e tantas outras que não é o caso nomeá-las aqui.

Reconhecer e aderir à manifestação do Espírito Santo Libertador que gera, sustenta e plenifica a vida já no processo de sua evolução implica:

1º entender que a experiência de vida cristã das comunidades cristãs no Continente da Esperança é verdadeiramente experiência de Deus vivida no Espírito Santo libertador, e neste sentido faz-se necessário continuar retomando na reflexão de fé o papel do *Pneuma Divino* que se manifesta de muitos e variados modos, e, por isso, de modo privilegiado onde a vida é ameaçada e fragilizada, correndo o risco de não cumprir o seu fim último que é Deus;

2º tomar consciência da certeza de que o Espírito age, se manifesta, leva as comunidades a se fortalecerem na fé, descobrindo que em sua ação humana para a libertação e a transformação está inerente a presença tranquila, a força discreta, e o sopro de vida e esperança do Espírito;

3º abrir-se a uma nova forma de se relacionar e experimentar Deus, não mais com interesse individualista, fechado, deixando de lado a relação de troca de favores. Neste sentido, a oração torna-se verdadeiramente diálogo de amor, de louvor, de serviço e de fé amadurecida da criatura diante de seu Criador e Deus;

4º compreender a vida comunitária, resposta cristã, solidificada no Espírito, ao individualismo e a todo tipo de fechamento que compromete o ritmo e a dinâmica da vida experimentada em comunidade;

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912219/CA

5º comprometer-se com o processo libertador suscitado pelo Espírito, buscando, sempre mais, entender que viver segundo este mesmo Espírito é comprometer-se com a justiça e a fraternidade, sinais da luminosidade do Reino;

6º reconhecer que os pobres experimentam a manifestação do *Pneuma Divino* na ação humana irrompendo na história como sujeitos, inaugurando um momento propício para a ebulição da vida, e vida que encontra seu sentido pela própria ação do Espírito;

7º afirmar e motivar a ampliação de comunidades engajadas, como as CEBs, como novo modo dinâmico e missionário de ser Igreja, sinais de vida e esperança para os pobres. Neste sentido, as CEBs põem em prática a orientação dada pela Conferência de Aparecida: passar de uma pastoral de conservação para uma pastoral de evangelização. Trata-se de passar de uma Igreja tradicionalista fechada em si mesma para uma Igreja aberta ao mundo exterior e fecunda, porque suscita muitas comunidades. Também as CEBs encarnaram a mensagem do Vaticano II, porque são uma força de transformação do mundo em que estão vivendo.

Relacionam-se com todos e colaboram com todos os grupos situados na mesma vizinhança.[480]

8º lutar pela vida em todas as suas manifestações e dimensões, principalmente as mais vulneráveis e ameaçadas, pois tudo que é humano e vive não é indiferente ao Espírito;

9º Conscientizar de que o Reino de Deus "já" e "ainda não" pode ser vivido aqui e agora, enquanto se amplia a esperança pelo definitivo e se aguarda, no compromisso de já antecipar nesta existência terrestre o que se vislumbra apenas por sinais e pela fé;

10° assumir a corporeidade como condição natural da vida humana para superar a separação que normalmente se faz entre corpo e espírito, material e espiritual que tanto prejudica o ser humano em suas relações mútuas e no amadurecimento da fé;

11º Abertura ao homem novo e à mulher nova, inseridos na dinâmica da Nova Criação, onde o ser humano se realiza no encontro, no diálogo e na partilha. Abrir-se a esta realidade é deixar-se conduzir pelo Espírito da Vida, que recria o

[480] Cf. COMBLIN, José. *Mensagem às Cebs.*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912219/CA

ser humano, dando-lhe força na fraqueza para o combate cotidiano com as estruturas envelhecidas no pecado.

Estas e tantas outras implicações podem fazer a passagem necessária de uma pastoral voltada apenas para sua manutenção, para uma pastoral eminentemente aberta, dinâmica e missionária, onde e quando o Espírito impulsiona toda comunidade a uma ação cada vez mais libertadora, em função de uma afirmação da vida, enquanto caminha, evolui e se transforma, cheia de esperança, para a vida perfeita e plena em Deus.

Que com o impulso missionário e profético das palavras do Papa João Paulo II, em sua Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*, possamos dizer e assumir estas palavras como orientação do *Pneuma Divino*: "Sigamos em frente, com esperança! Devemos possuir um olhar perspicaz para contemplar, e sobretudo um coração grande para nos tornarmos um instrumento da Igreja", sinal do Reino de Deus. Insiste o Papa em que o mandato missionário de Jesus introduziu-nos no terceiro milênio da era cristã, "convidando-nos a ter o mesmo entusiasmo dos cristãos da primeira hora; podemos contar com a força do mesmo Espírito que foi derramado em Pentecostes e nos impele hoje a partir, de novo sustentados pela esperança."[481]

4.5. Conclusão parcial

Encerramos este capítulo, no qual evidenciamos a manifestação do *Pneuma Divino* nos sinais que apontam para a vida plena em Deus.

A ação do Espírito experimentada na vida dos pobres, é para Comblin a manifestação pneumática libertadora.

Esse aspecto de santidade nomeia a realidade do Reino de Deus, cuja ação missionária do Espírito, sinaliza e aponta que a vida gerada, libertada, partilhada, comunicada, tem seu sentido último e pleno em Deus.

Esta realidade escatológica não é simplesmente uma espera que acomoda, mas um presente cheio de esperança e de certeza de que se caminha para a

[481] JOÃO PAULO II. *Novo Millennio Ineunte*. Carta Apostólica, nº 58, 2001, p. 86.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912219/CA

transformação. A força desta realidade, iluminada pelo Espírito, forma o Povo de Deus, que já vive a Nova criação em Cristo.

O Continente Latino-americano é de fato, conforme a teologia de Comblin, o Continente da esperança. Esperança de vida melhor, de humanização, de valorização e preservação da vida, de libertação diante das forças da morte e do pecado, de transformação e mudança. Esperança que adentra os sinais que apontam para a verdadeira e definitiva vida, e que fazem parte do cotidiano de luta e sobrevivência das Comunidades de Fé da América Latina.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912219/CA